



ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM AMBIENTE ESCOLAR IMPROVISADO: um relato de experiência

Daniel de Jesus Torres – Universidade do Estado da Bahia (DEDC/Campus XII)

Resumo

A Educação Física (EF) na Educação Infantil (EI) é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, mesmo que a presença de docentes formados na área não esteja concretizada obrigatoriamente em lei. O presente relato de experiência descreve a experiência de um estágio supervisionado em EF na Educação Infantil, em uma escola pública funcionando em um ambiente improvisado, e, sem professor específico da área, na cidade de Guanambi-BA. Os resultados evidenciaram a importância da adaptação das atividades ao espaço limitado e a necessidade de lidar com diferentes níveis de desenvolvimento e necessidades específicas, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Destaca-se a relevância da formação docente para a atuação na EI e a necessidade de resoluções que garantam a presença, além de espaço e recursos adequados para a EF nessa etapa de ensino. Conclui-se que, apesar dos desafios, o estágio supervisionado proporcionou aprendizados significativos sobre a importância da criatividade e da adaptação na promoção do desenvolvimento infantil através da EF, mesmo em ambientes pouco apropriados.

Palavras-chave: Educação física. Estágio obrigatório. Educação infantil.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil (EI) é a etapa inicial da Educação Básica, abrangendo o ensino para crianças de 0 a 5 anos na pré-escola. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs), a Educação Infantil objetiva promover o desenvolvimento integral das crianças, contemplando os aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social (Brasil, 2010).

Embora a Educação Infantil não seja organizada de forma disciplinar, Mello et al. (2016) ressaltam que a importância do corpo, movimento, jogos e brincadeiras no processo educacional da primeira infância, bem como a valorização dessas atividades nos documentos legais têm contribuído em demonstrar a importância da presença de professores de Educação Física (EF) nesta etapa da Educação Básica. Porém, devido a não obrigatoriedade em lei, a



presença de pessoas formadas em EF varia significativamente entre as diferentes regiões do país na Educação Infantil.

OBJETIVOS

Descrever as experiências vivenciadas no Estágio Obrigatório I /educação infantil em um colégio público municipal de Guanambi-BA.

Tematizar as dificuldades de consolidação da educação física na educação infantil.

METODOLOGIA

O presente Relato de Experiência é resultado de experiências pedagógicas vivenciadas durante a disciplina estágio obrigatório I, do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus XII. O estágio foi realizado na Escola Municipal Senador Nilo Coelho, localizada em Guanambi-BA.

Devido a reformas em andamento no espaço original da escola, as atividades ocorreram em um local provisório, o Centro Catequético da Igreja Santa Rita. O estágio teve início em 5 de abril de 2024 e foi concluído em 12 de junho do mesmo ano, abrangendo duas turmas do 4º período da educação infantil: o turno matutino (4M), com 15 alunos, e o turno vespertino (4V), com 20 alunos. Durante esse período, foram cumpridas 6 horas de caracterização, 12 horas de observação e 36 horas de intervenção, totalizando 54 horas de atividades.

Os dados sobre o estágio foram armazenados em um diário de bordo com as experiências vividas em cada dia de estágio. Referente aos cuidados éticos, decidiu-se não usar o nome real de nenhuma das crianças, além de procurar não fazer juízo de valor sobre nenhuma situação vivenciada.

RESULTADOS



Ao adentrar no espaço da Escola Municipal Senador Nilo Coelho foi observado que a escola não dispunha de professores (as) formados (as) em EF.

As fases de caracterização/observação de estágio estiveram centradas em identificar as características do espaço em que estava sendo inserido.

O centro catequético está localizado no mesmo bairro em que se localizava o prédio da escola antes da reforma, fator que ajudou aos alunos a não terem tantos problemas de adaptação. Outra parte importante foram os momentos de conversa com a professora que nos recebeu em sala de aula, assim como a coordenadora pedagógica e a diretora.

O professor responsável pelo estágio já havia explicado que as práticas corporais tematizadas por pedagogos costumam ter uma intencionalidade diferente da EF. Nesta configuração, os jogos, danças e brincadeiras quase sempre buscam estar conectados com outras áreas do conhecimento.

Nossa intervenção baseou-se em danças guiadas por músicas populares infantis, jogos que incluíam atividades de recepção, lançamento e arremesso de objetos, tais quais, bolas, bambolês e cones, além de brincadeiras em formato de circuito visando o estímulo de equilíbrio, lateralidade e senso de direção.

A turma do matutino (4M) possuía dois alunos com transtorno do espectro autista (TEA) acompanhados por duas monitoras, o que exigia algumas adaptações no trato com as crianças e na proposição de atividades, além da recorrência de crianças hiperativas e pouco obedientes. Em contraste a turma vespertina (4V), mesmo com uma quantidade maior de alunos, se mostrava mais fácil de lidar, tendo crianças com uma coordenação motora mais maturada e mais propensas a participação nas práticas propostas.

O planejamento de atividades teve que ser totalmente adaptado ao pouco espaço que dispúnhamos. Dessa forma, tentamos manter a dinâmica dos jogos, brincadeiras e danças nas quais as crianças já estavam habituadas.

DISCUSSÕES



As possibilidades de abordagens envolvendo as práticas corporais se mostraram bastante limitadas durante o nosso primeiro estágio, julgamos que a falta de espaços, como, quadra e pátio, foram prejudiciais na atuação. Milteer *et al.* (2012) dizem que as crianças na atualidade têm tido pouco incentivo para a prática de jogos e brincadeiras que utilizem efetivamente o corpo. Fatores como o aumento da violência nas ruas, diminuição do tamanho das casas e acesso prematuro a tecnologia, tem as afastado de experienciar atividades importantes para essa faixa etária.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil não aborda a Educação Física como componente curricular, mesmo que os jogos e brincadeiras, além do corpo e movimento se mostrem como elementos centrais para essa etapa.

Pochmann e Neuenfeldt (2015) entrevistaram discentes de um curso de licenciatura em educação física e perceberam que poucos se interessavam pela atuação na EI. Foram citados como desmotivadores o pouco contato com essa faixa etária durante a graduação e a sensação de não pertencimento ao contexto escolar que recebe essas crianças.

Lidar com estudantes com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) foi algo inédito, se mostrando um grande desafio. Silva, Fonseca e Brito (2016) entrevistaram professoras e observaram uma criança com nível III de suporte de TEA inseridos em uma escola pública no Rio Grande do Norte. As falas das docentes deram destaque a dificuldade da escola para receber crianças autistas, além das dificuldades de planejamento pedagógico ocasionadas por falta de experiência com esse tipo de especificidade.

Outro fator dificultador encontrado foi a falta de controle de sala causados pela inexperiência. O trabalho de Juliani, Silva e Niary (2021) percebeu que muitos licenciandos em EF relataram a distância entre o contexto da academia e o chão da escola como algo que necessita ser mudado. Outras considerações feitas elencaram a importância do planejamento de aulas mesclado a capacidade de adaptação frente a problemas cotidianos ocorridos em sala de aula.

CONCLUSÕES



O estágio supervisionado na educação infantil revelou-se uma etapa crucial para a formação, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso. Essa experiência proporcionou um entendimento mais profundo das particularidades do desenvolvimento infantil, especialmente no que tange à importância das atividades físicas no estímulo das habilidades motoras, cognitivas e sociais das crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

JULIANI, M.; SILVA, M. H.; DEWES NYARI, N. L. Imaginário x Realidade: as percepções de acadêmicos de educação física escolar acerca do estágio supervisionado obrigatório antes e depois das práticas. *Interação*, v. 21, n. 1, p. 538–551, 2021.

MELLO, A.S.; ZANDOMINEGUE, B.A.C; BARBOSA, R.F.M.; MARTINS, R.L.D.R.; SANTOS, W. A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48p.130–149, 2016.

MILTEER, R. et al. The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bond: Focus on Children in Poverty. **Pediatrics**. 2012

POCHMANN, B.G.; NEUENFELDT, D.J.. Educação física na educação infantil: discutindo a formação inicial e o interesse de atuação de acadêmicos de educação física/licenciatura neste nível de ensino. **Revista Cinergis**, v. 16, n. 1, p. 20-26, jan./mar. 2015.

SILVA, A.; FONSECA, G.; BRITO, M. O estudante com autismo na educação infantil: concepções dos profissionais da sala de aula regular e do AEE. **TEXTURA - ULBRA**. 2018